

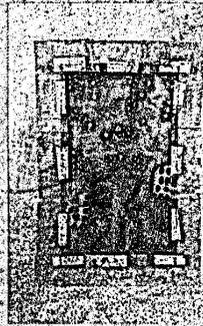
Notas&Comentários

VIAGEM NA POÉTICA PESSOANA

A obra em análise reúne as comunicações apresentadas no primeiro congresso realizado em Itália inteiramente dedicado a Fernando Pessoa*. É mais um importante contributo para a extensíssima bibliografia sobre a obra do poeta português, configurando-se como uma viagem (coletiva) através da sua poética, conforme o subtítulo da publicação explícita, ou, se preferirmos, como uma revisitação das *paisagens e lugares* pessoanos.

Os textos agora publicados constituem um conjunto necessariamente heterogéneo, distribuindo-se por secções cuja lógica de organização, na ausência de um título para cada uma delas, não nos é revelada. É possível, contudo, identificar algumas linhas de força que percorrem as mais de vinte comunicações. Uma dessas linhas é, sem dúvida, a tendência, cada vez mais presente na exegese pessoana, para encontrar relações, pontos de contacto, diálogos entre a obra de Fernando Pessoa e as dos seus heterónimos e as de outros autores, outras culturas literárias e filosóficas, prospetando influências, ecos das próprias leituras do autor. Nuno Júdice, no seu texto «Fernando Pessoa in *presença*», cita, aliás, as palavras de um dos pioneiros na descoberta de Pessoa, escritas no longínquo ano de 1927 (p. 129). Nessa altura, José Régio sublinhava já (no artigo «Da Geração Modernista», inserto na revista *presença*, n.º 3) o facto de Fernando Pessoa ler muito e bem, pelo que «toda a sua obra aproveitou das suas leituras». Esta asserção regiana está, de alguma maneira, subjacente à forma como tantos participantes no congresso florentino tendem a ver a obra do poeta dos heterónimos como resposta ou réplica, seja ela assumida e consciente, ou não.

Assim, Piero Ceccucci, no posfácio do livro, intitulado «Metamorfosi del Faust. Una lettura esotérica del *Fausto* di Fernando Pessoa», coloca o *Fausto* de Pessoa na esteira do de Goethe, estabelecendo, porém, as devidas diferenças entre o herói goethiano, «intrapendente



Isabel Pavão
Easy to be. Psyche Boundaries series (2011)
Acrílico/colagem sobre tela
61x 46 cm

e indomito; votato all'azione, marcato e mosso da un razionalismo positivo ed ottimista, aperto e proiettato sul mondo esterno» (p. 318) e o anti-herói pessoano da desistência e da renúncia, virado para si próprio, para o abismo do mundo interior. Mas ao autor afigura-se-lhe fornecer o discurso esotérico, mais ou menos silenciado pela crítica, a chave de leitura adequada para este *Fausto — Tragédia Subjetiva*, ainda tão pouco conhecido do grande público. Aí encontra elementos do pensamento rosacruciano, igualmente detetáveis em outros textos de Pessoa/Search.

Também Michela Graziani, responsável pela edição das atas, escreve, no texto introdutório, «Il senso illusorio della vita. Pessoa e il suo 'velo di maya'», sobre a presença, quer na poesia ortónima quer no *Livro do Desassossego*, de «rimandi al senso ingannevole della vita reale», que tomam, no primeiro caso, um tom pessimista e niilista, com claras influências schopenhauerianas, e, no segundo, um tom reflexivo, na linha de um pensamento védico-hinduísta (p. 15). E a propósito deste tema, obsessivamente glosado por Pessoa, o tema da Ilusão — a *maya* dos indianos, esse véu que obscurece os olhos dos mortais e os impede de saber se o mundo existe ou não existe, como num sonho — a autora confronta, por exemplo, Bernardo Soares com textos orientais, como os *Bhradaranyaka Upanisad*, *Chandogya Upanisad*, *Purana* e *Yogavaisistha*, estabelecendo um interessante diálogo (p. 23-6) que permite ver como Pessoa terá assimilado, mesmo que para dele se distanciar, o conceito hinduísta de *maya* ou da «illusorietà della vita». Por outro lado, Michela Graziani encontra também um fio que une o modo como, em Pessoa, o Vazio, o Nada se transforma em plenitude, em Tudo (p. 29), à tradição filosófica oriental.

A mesma autora, em «*Um Oriente ao oriente do Oriente: elementi di filosofia orientale in Mensagem*», salienta o interesse de Fernando Pessoa pela Índia e pelo Oriente em geral, surpreendendo reflexos do pensamento confuciano, mas também do taoísmo e do budismo zen, nos poemas de *Mensagem*, cujo herói, investido de uma dimensão mítico-divina, diz, é o Desejado. Personificando-se nele, enquanto líder espiritual, enquanto Mestre, é o próprio Fernando Pessoa que se assume como aquele que pode desenhar «una nuova idea di patria marcata dalla spiritualità, dalla poesia, dalla forza della lingua» (p. 104), em linha, na opinião de Graziani, com a ética proposta por Confúcio.

Num outro registo, em «A 'Ceifeira' revisitada», Arnaldo Saraiva centra-se num dos poemas emblemáticos da poética pessoana, procurando antecedentes da temática em autores tão díspares como Teócrito (século III a.C.) — cuja obra, traduzida por Henrique Lopes de Mendonça, surge em maio de 1913, poucos dias antes da data do poema de Pessoa; Wordsworth (citando, a propósito, António M. Feijó, que considerara já ser «A Ceifeira» uma «correção» pessoana do poeta inglês)

ou os portugueses Fialho de Almeida e António Nobre. Arnaldo Saraiva não se limita, porém, a fazer notar as possíveis ou prováveis influências sofridas por Pessoa: acentua o facto de este seu poema de 1913 constituir não só um texto de referência da crítica moderna, mas ser também um texto propiciador de novas produções poéticas, em autores posteriores, entre os quais se contam Ruy Belo, Gastão Cruz, Eugénio de Andrade, Egito Gonçalves, por exemplo, ou, numa vertente paródica, Mário Cesariny e Adília Lopes.

Por sua vez, Piero Ceccucci, numa sua outra intervenção, «*Viuvo de ti próprio. Sophia in dialogo con Pessoa*», mostra como Sophia de Mello Breyner Andresen, ultrapassando o mero aspeto intertextual da «dicção» e do «tom» de uma leitura «por dentro», já assinalada por outros estudiosos, interpela o Mestre, sobretudo em poemas do *Livro Sexto* e de *Dual*. O autor faz ressaltar o facto de Sophia, de forma pessoalíssima e com originalidade exegética, propor, no próprio corpo dos seus poemas, uma leitura do discurso poético de Pessoa (p. 144) — e destaca, a título de exemplo, o «folgorante e perspicuo epíteto», *Odysseus / Persona*, presente no poema «Em Hydra, Evocando Fernando Pessoa». Considera ainda que é nesta textualidade dialoante de Sophia com Pessoa que podemos encontrar um fim salvífico para a dispersão pessoana, para a sua «vivez». Com Sophia, Pessoa deixa, por assim dizer, de estar só.

O *incipit* deste poema serve também de ponto de partida a Federico Bertolazzi na sua abordagem sobre «Anima e paesaggio in Alberto Caeiro e Bernardo Soares». As palavras de Sophia — «A claridade frontal do lugar impõe-me a tua presença / O teu nome emerge como se aqui / O negativo que foste de ti se revelasse» —, na sua metáfora fotográfica, levam o autor a concluir que Caeiro e Soares «si accompagnano come il negativo e il positivo di un'immagine in cui anima e paesaggio si proiettano alternatamente l'una nell'altro» (p. 160).

Por sua vez, Fernando J. B. Martinho sublinha, na sua intervenção «Per una *topica* del tempo e della malinconia: *l'ubi sunt* in Fernando Pessoa», a presença permanente do *topos ubi sunt*, com raízes profundas na Bíblia, sobretudo a partir da revolução romântica. Lembra como esta permanência remete para uma ideia de tradição sinónima não de força limitadora, mas de fonte de renovação (p. 208). É nesta fonte que, segundo o autor, Fernando Pessoa longamente bebe, à semelhança, de resto, de outros poetas portugueses, como, por exemplo, Saúl Dias ou Rui Knopfli. Fernando Martinho perpassa, com a sua habitual perspicácia interpretativa, alguns textos de Campos e Pessoa ortónimo, detendo-se particularmente em poemas como «Elegia na Sombra» — apodado de anti-*Mensagem* — e «Un soir à Lima», onde o emprego do referido *topos* é mais significativo.

Entretanto, um outro *topos*, o da música, merece a atenção de Mariagrazia Russo, considerando que, em Pessoa, tudo «incede verso l'armonia e la consonanza» (p. 238); e de Barbara Gori, que reconhece a importância que a música, em sentido lato, e a musicalidade do verso, em sentido restrito, têm na obra pessoana, refletindo também sobre o uso do metro preferido da tradição popular ou popularizante, sobretudo nos poemas dos últimos tempos.

Os temas e os *topoi* presentes na escrita de Fernando Pessoa e heterónimos, como está amplamente documentado neste volume, inscrevem o(s) seu(s) autor(es) numa longa cadeia diacrónica, mas ajudam também a tecer uma complexa tapeçaria, onde se cruzam fios, por vezes imperceptíveis ao leitor comum. Não é este, porém, o caso da herança de Walt Whitman, abordada em «Pessoa vs. Whitman, o la nascita di un supra-Whitman?». Orietta Abbati visita os textos nos quais Pessoa assume quanto é devedor da obra do poeta americano. E mostra, exemplarmente, em que medida os dois poetas nascidos do encontro literário de Fernando Pessoa com Whitman — Álvaro de Campos e Alberto Caeiro — dão corpo, através das suas produções, à «misteriosa alquimia» que uniu as duas margens do Oceano Atlântico. Na «espantosa novidade» do Mestre Caeiro, vê Orietta Abbati a confirmação de um supra-Whitman — irmão gémeo, quem sabe, de um supra-Camões.

A novidade caeiriana é igualmente sublinhada na intervenção de António José Borges. Recorrendo ao contributo de vários pensadores — Agostinho da Silva e Álvaro Ribeiro, Sartre, Heidegger, Espinosa, mas também Yvette Centeno e Italo Calvino —, o autor sublinha o culto do paradoxo, associado a uma filosofia não-reflexiva e a uma reflexão não-filosófica.

Por outro lado, no texto intitulado «Fernando Pessoa e Carlos Queiroz: il quotidiano moderno nella dialettica tra ragione e emozione», Maria Bochicchio faz dialogar Fernando Pessoa e Carlos Queiroz, através de alguns dos seus poemas mais conhecidos. Conclui que Queiroz colhe a lição pessoana na poesia ortónima, tomando, no entanto, um caminho, por vezes, diverso do do Mestre, ou antes, procurando um ponto de interseção entre a criação espontânea e inspirada e o conhecimento reflexivo (p. 293).

Em «*Hora dupla: le intersezioni spazio-temporali di Chuva Oblíqua*», também Matteo Rei vislumbra uma resposta de Pessoa a Picasso, Reverdy, Apollinaire, sublinhando, contudo, uma preocupação inequívoca do poeta português que é, sempre, a de não ser confundido com um acrítico adepto de teorias estéticas de importação (p. 274).

Este distanciamento não pode, de modo algum, ser entendido como afirmação de imunidade face ao contágio de outras visões do mundo, de outras formas de pensamento e linguagens poéticas, ou

como pura arrogância, quando, no seu tempo, foi confrontado com os seus próprios exegetas. Fernando Pessoa não ousou, por exemplo, desmentir as conclusões a que chega João Gaspar Simões no seu estudo (surpreendentemente inovador e corajoso para a época, na opinião de Nuno Júdice) *O Mistério da Poesia*, ao revelar o universo íntimo do poeta, à luz de Freud ou Jung. Com efeito, lembra Nuno Júdice, na sua já citada comunicação, embora Pessoa refute o freudismo pelo seu lado dogmático (como se pode ver pela carta de 11 de dezembro de 1931 ao crítico coimbrão) e defenda a irrelevância dos dados biográficos do artista para a análise da sua obra, acaba por não discutir as «revelações» ou interpretações psicanalíticas de Gaspar Simões, numa espécie de «quem cala, consente».

É justamente para o modo como Pessoa, à semelhança de outros grandes poetas do século XX (T. S. Eliot, Ezra Pound, por exemplo), se opõe à ideia de poesia enquanto celebração do sujeito e do seu universo interior, criando uma distância entre autor empírico e autor textual, que António Carlos Cortez nos chama a atenção na sua comunicação (p. 111). No seu entender, Pessoa transforma o texto poético num lugar no qual erige a figura do poeta-crítico. Os textos poéticos tornam-se poesia sobre a poesia, dando corpo a uma nova forma literária que «dialeticamente pensa a poesia como artefato linguístico» (p. 112), o que faz que os seus poemas sejam, afinal, o melhor guia para compreender a sua poesia (p. 117). Em contrapartida, salienta Cortez (também ele poeta e crítico), o ensaio toma, quase sempre, num poeta como Pessoa, a forma literária. Por este motivo, aproximar Pessoa de Montaigne, e de tantos outros ensaístas portugueses (alguns nossos contemporâneos, como Eduardo Lourenço, António Ramos Rosa, Vasco Graça Moura, Manuel Gusmão), parece justificar-se. Todavia, interroga Cortez, não haverá, nas páginas ensaístico-poéticas pessoanas, um vislumbre de biografia?

Alguns dos intervenientes atentam, precisamente, ao plano do biográfico. É o caso de Giulia Lanciani, Teresa Rita Lopes e, de novo, Piero Ceccucci. Em «*Il libro del genio e della follia*», Lanciani detém-se nos principais momentos da vida de Fernando Pessoa (p. 34-5), tentando perceber de que forma o núcleo temático génio-loucura foi por ele desenvolvido ao longo dos anos. Em «*Pessoa, ebreo?*», Teresa Rita Lopes, lamentando a pouca importância dada pelos especialistas pessoanos ao facto de Pessoa ter raízes judaicas, por parte da família paterna, mostra como essa particularidade de ordem biográfica influencia a sua outra família, a literária, e se manifesta na atitude messiânico-nacionalista de um Raphael Baldaya, nos escritos sobre temas hebraicos de um Thomas Crosse, na postura de judeu-errante-estrangeiro assumida por Álvaro de Campos, ou no conto «*O Eremita da Serra Negra*». Por seu lado, Piero Ceccucci, em «*Amor mas devagar, o del profilo asimmetrico del sentire*

amoroso di Fernando e Ophélia», abre uma (infelizmente póstuma) controvérsia com David Mourão-Ferreira, o primeiro a analisar as cartas de amor de Fernando Pessoa, vendo nelas, por exemplo, uma tentativa de infantilização da destinatária (supostamente relegada para um «estado de mítica infância»), servindo de pano de fundo a um namoro *plutôt* platónico. Ceccucci demonstra, de forma cabal, tendo agora à sua disposição toda a correspondência trocada entre os dois namorados (o que não acontecia no tempo de David), que a propagada incapacidade física e psicológica de Pessoa para se relacionar com o sexo oposto e a pretensa ausência de uma relação erótica com Ophélia são falaciosas. E encontra na inconciliação entre duas concepções de vida, tão diferentes senão mesmo opostas, a razão principal para o afastamento dos dois.

A relevância da correspondência para o conhecimento da biografia de um escritor é indesmentível, facto que é acentuado por Guia Boni ao fazer um balanço aturado das cartas de Pessoa. A espectável conclusão a que chega de que a maioria dessas cartas ultrapassa a esfera do privado permite perceber o quanto a imagem pública de Pessoa deve à sua escrita epistolar.

Numa direção bem diferente vão três das mais estimulantes comunicações. José Gil, autor de obras fundamentais para a compreensão dos mecanismos psicoestéticos envolvidos no processo de desdobramento pessoano (*Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações* é, sem sombra de dúvida, uma leitura absolutamente obrigatória), revisita a heteronímia. De forma densa e didática, tenta responder a questões essenciais (passadas em silêncio nos inúmeros textos publicados sobre o assunto) como sejam o significado de «dividir-se», «multiplicar-se», «devir outros», ou o alcance da conhecida expressão «drama em gente». Demora-se ainda no porquê da necessidade sentida por Pessoa de representar em personagens fictícias os autores-poetas que resultam da autonomização de grupos de sensações análogas (p. 126), atribuindo-lhes um nome, uma data e um local de nascimento, uma identidade.

É a existência dessa identidade literária e de um nome para os seus «outros» que torna particularmente complexo o trabalho dos editores pessoanos, a que faz referência uma comunicação com o título «Clearly Campos? Sull'attribuzione letteraria». Jerónimo Pizarro lembra aí que mais de 90% dos textos do espólio não estão assinados, o que quer dizer que Pessoa os não atribuiu expressamente a qualquer dos seus autores fictícios. A necessidade de determinar a paternidade de cada texto, experimentada por todos os que vão publicando os inéditos, encontra, por isso, dificuldades acrescidas, gerando também inevitáveis equívocos (o exemplo citado do equívoco-Coelho Pacheco, cujo poema «Para além doutro oceano», destinado a *Orpheu* 3, foi atribuído, pela crítica, ao próprio Fernando Pessoa, parece-me ser, no entanto, de outra

natureza. A verdade é que o texto estava assinado por C. Pacheco, por quem de direito, e só o desconhecimento, à época, da existência real deste autor — de resto, com outras produções publicadas — criou o mistério em torno da sua autoria). Torna-se, portanto, imprescindível o estabelecimento de critérios, tanto quanto possível objetivos, para essa determinação. É o que procura fazer Jerónimo Pizarro, postulando, por exemplo, que o olhar do paleógrafo deve completar o do leitor, já que, como diz, um autor tende a constituir uma unidade temporal e linguística e a utilizar certos suportes e instrumentos de escrita (p. 84), ou um certo *usus scribendi*, em suma, que podem guiar o editor. Ficará, no entanto, sempre um espaço para o «engenho», para a *adiviniatio*, como último recurso. E Pizarro exemplifica, a partir de alguns textos em prosa de Álvaro de Campos, diferentes tipos de procedimento, mostrando como o espólio pessoano problematiza praticamente todas as questões da crítica textual moderna.

Finalmente, a longa comunicação de António Fournier traça um historial da receção de Fernando Pessoa em Itália. Depois do primeiro apontamento sobre o poeta português, feito pelo francês Armand Guibert, na revista *Poesia* (Roma, 1945), só em 1967 Luigi Panarese logra publicar uma antologia, em cuja introdução está bem vinculada uma leitura psicanalítica da heteronímia (Panarese conhecia, aliás, o trabalho de João Gaspar Simões). Fournier destaca depois o contributo de Antonio Tabucchi, escritor que, no seu entender, supera os limites do tradutor e do crítico, assimilando Pessoa à sua própria poética, apropriando-se dos seus paradoxos, transformando-o em sua personagem, seu «alter-ego» (p. 192). Tabucchi torna-se, assim, uma espécie de heterónimo italiano de Pessoa. Opõe, porém, à de Panarese, uma visão outra do poeta de Lisboa, considerando a necessidade de esquecer, pôr de parte a sua biografia. Uma terceira via conciliatória na receção de Pessoa é, segundo Fournier, protagonizada por Giuseppe Tavani. António Fournier formula ainda um desejo, o de que o ciclo tradutório e hermenêutico iniciado por Piero Ceccucci e Orietta Abbati possa abrir uma nova fortuna crítica de Pessoa em Itália, vendo no título *Un'affollata solitudine*, de Ceccucci/Abbati, um fecundo contraponto ao *Una sola moltitudine*, do malogrado Tabucchi. Mas a vitalidade dos estudos pessoanos em Itália é, creio, insofismável, como o Congresso de Florença e esta publicação amplamente comprovam.

Manuela Parreira da Silva

* *Un'altra volta ti rivedo. Viaggio nella poetica pessoana*, Atti del Convegno Internazionale di Studi Pessoaiani, Firenze 2-3 Ottobre 2012, org. Michela Graziani, posf. Piero Ceccucci, Roma, Società Editrice Dante Alighieri, 2013.